



Os sentidos político e educador na comunicação sindical dos bancários

Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

Jorge Arlan de Oliveira Pereira¹

Universidade Comunitária Regional de Chapecó - UNOCHAPECÓ

Resumo

A rede interna de comunicação dos bancários, em fase de implantação a partir das conexões *on line*, não inclui efetivamente o associado comum nem expressa a pluralidade de pensamentos existente em seu meio por se sustentar num elevado grau de hierarquização da categoria. O avanço deste sistema de trocas de informações fortalece o discurso reivindicatório-contestatório, mas cria barreiras para uma manifestação original-criadora dos pequenos sindicatos do interior em suas relações com as instâncias superiores da estrutura sindical dos bancários. Torna-se importante observar, assim, como aparecem os sentidos político e educador na sua comunicação sindical.

Palavras-chave

Comunicação; sindicato; rede; política; educação.

Introdução

O presente artigo² representa um recorte que o autor faz de sua tese de doutorado “As concepções da comunicação sindical dos bancários – Interloquções com a categoria e a sociedade”, defendida em março de 2004, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. A tese tem o interesse de verificar as concepções e percepções de comunicação que atravessam a estrutura organizativa da categoria dos bancários, expressas pelos dirigentes e jornalistas de instâncias maiores da categoria, de âmbito nacional, e também de sindicatos de base, localizados em cidades do interior (os de âmbito microrregional). A manifestação é observada na fala dos entrevistados, quando eles explicitam de diversas formas seus entendimentos sobre o processo comunicacional

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e professor na Universidade Comunitária Regional de Chapecó – Unochapecó-SC. E.mail: j5arlan@unochapeco.ret-sc.br.

² O artigo precisa ser contextualizado no período de realização da pesquisa, de 2000 a 2004. Os dados sobre os quais são desenvolvidas as análises foram colhidos de 2002 ao início de 2004 e, por uma questão de dimensionamento deste texto, praticamente não são apresentados. Para melhor compreensão do proposto ou relações com o momento atual, deve ser considerado o cenário original do estudo.



que acontece em suas entidades, e nos produtos midiáticos da categoria, momento em que colocam em prática o que dizem.

Os espaços pesquisados, compondo o objeto, são a Confederação Nacional dos Bancários – CNB, a Central Única dos Trabalhadores – CUT, o Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região, o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Chapecó, Xanxerê e Região (SC) e o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Miguel do Oeste e Região (SC). E ainda os dirigentes e jornalistas das referidas entidades sindicais.

O núcleo da pesquisa se relaciona diretamente com as barreiras que a comunicação sindical dos bancários enfrenta para ser expressão autêntica do público que a constitui. Neste cenário, a comunicação sindical parece ter dificuldades de falar ao semelhante, para um ser (o sindicalizado), hoje multifacetado e multicultural, bem menos previsível, para o qual o discurso reivindicatório-contestatório não é o suficiente.

A comunicação sindical dos bancários mostra-se preocupada em saber dizer melhor, com mais eficiência, numa estética mais elaborada; atribui importância à competência técnica e à competência discursiva dos seus processos. Além da participação nos tradicionais fóruns públicos institucionalizados, como na esfera dos Poderes Públicos, os sindicatos perceberam, já há bastante tempo, que a mídia se transformou num espaço de encontro e de repercussão de questões públicas. As entidades sindicais bancárias elegem suas prioridades e estratégias de intervenção na mídia de massa e de condução de sua própria mídia, atribuindo grande importância à disputa simbólica.

A disputa de sentido é forte e permanente no mundo da comunicação sindical dos bancários. Seus produtos de comunicação pretendem concorrer com outras vozes, se antecipando, ocupando espaço e, se possível, até anulando o efeito da comunicação do adversário, os banqueiros. Querem falar para dentro, a categoria, e para fora, a sociedade em geral, convencendo-os da validade dos seus argumentos.

A comunicação sindical faz parte do campo alternativo, na medida em que não integra as grandes estruturas dos meios de comunicação de massa. Apresenta, porém, as particularidades próprias das organizações sindicais, com sua estruturação, objetivos e cultura de funcionamento. De modo geral, classifica-se como de contestação ao sistema,



dentro principalmente das disputas econômicas entre capital e trabalho. Possui uma história forte no país, desde os jornais operários no início do século XX, passando por uma intensificação da produção de mensagens na década de 80 e chegando até ao atual ambiente virtual/internet.

Centralidade e hierarquia comunicacional

Entender os reflexos da centralidade/hierarquia na comunicação dos bancários é uma das preocupações importantes do estudo, porque, ao mesmo tempo em que ela disponibiliza uma gama de informações aos sindicatos da categoria de todas as regiões, estabelece um sentido vertical das cúpulas para as bases. De certa forma horizontaliza as informações ao estendê-las àqueles que não estão em contato direto com suas fontes geradoras. E, de outra forma, verticaliza porque o fluxo se dá praticamente num sentido único, das esferas superiores para as inferiores. Questiona-se como os sindicatos menores e o simples associados poderiam ou deveriam participar da rede de comunicação. Até que ponto as tecnologias modernas asseguram a participação consciente dos sindicatos e do associado no processo de comunicação?

A comunicação numa perspectiva de indissolúvel vínculo com a realidade e não como mera abstração implica considerar o ambiente em que os seus sentidos são construídos. A comunicação sindical dos bancários demonstra sintonia com o ritmo solicitado pelos tempos atuais, ao modernizar-se, ao acompanhar a evolução das tecnologias, ao participar das novas possibilidades de disputa simbólica pela informação. Caracteriza-se como uma categoria atenta aos relacionamentos sociais, à visibilidade pública, à importância da divulgação das idéias que defende.

Os bancários mostram-se, por exemplo, capazes de se organizar no ambiente da internet. Pode-se falar na existência de um princípio de rede de comunicação digital da categoria, pela qual as instâncias maiores repassam informações com rapidez às instâncias de base. Por enquanto, não se observou, paralelo a este crescimento, uma renovação dos conceitos de comunicação. Não é inteiramente descartável a possibilidade de que o exercício das formas virtuais provoque o repensar dos conceitos, ao viabilizar o encontro das mensagens e dos seus agentes. Em algum momento, podem ocorrer experiências inusitadas no sentido de estimular outras interações.

Os processos digitais não garantem automaticamente mudanças de concepção e, pelo contrário, proporcionam até maiores controles e concentração da comunicação.



Não se pode esquecer que os sindicatos são também estruturas de poder, seja nas relações externas, quando representam publicamente os associados e se constituem num dos agentes políticos importantes, seja na sua organização interna, situação em que suas instâncias hierárquicas orientam e determinam posicionamentos políticos.

No caso da categoria bancária, há fatores relevantes que vinculam a comunicação a estruturas organizativas, recursos disponíveis ou indisponíveis, condições de emprego, desemprego, política, economia, poder, tecnologia, entre outros aspectos. E, ao mesmo tempo, a um conjunto de fatores menos objetivos ou inteiramente subjetivos. Trata-se da comunicação no campo dos vínculos sociais, dos diferentes significados, das interpretações, do imaginário, das aspirações pessoais, das imprevisibilidades do cotidiano.

As dificuldades crescentes dos sindicatos em obter resultados nas questões diretas a que se propõem tratar, como melhoria salarial, condições de trabalho e plano de carreira, tiram-lhes também parte da legitimidade para representar os associados, com conseqüências na sua capacidade de convencer e mobilizar a categoria para ações políticas. Isto afeta profundamente sua comunicação, voltada centralmente, para ser um instrumento de mobilização.

Os papéis na rede de comunicação

A macrocomunicação dos bancários se tornou mais eficiente com a adoção das modernas tecnologias, mas o mesmo parece não acontecer com a micromunicação, aquela próxima do associado comum, o que afeta a idéia de rede de comunicação.

Na categoria bancária, a comunicação se relaciona com a centralidade, uma característica de sua estrutura sindical. Devido às formas e dos mecanismos construídos para negociar com os patrões e da grande redução do número de empregados nos últimos anos, o fortalecimento da categoria passa cada vez mais pela centralização em instâncias superiores, capazes de operar a “rede”. Neste caso, um comando central opera também a rede de informações, ou seja, os instrumentos, as concepções e as práticas de comunicação. Este encaminhamento é justificado pela necessidade de agilização e de eficiência dos meios de comunicação sindicais.

Há uma contradição no movimento para reorganizar a comunicação sindical bancária. A centralidade cada vez maior, em resposta à reestruturação dos bancos parece



correta e indispensável do ponto de vista operacional e, até certo ponto, político. No entanto, um avanço da centralidade provoca restrição da diversidade. Haveria um encaminhamento para a unidade sem diversidade.

Os sindicatos menores estão num impasse a partir da constituição definitiva de uma rede de comunicação bancária via internet. Os dirigentes sindicais locais se transformam em indicadores de informações aos associados de sua base e perdem parte expressiva de suas funções de liderança. A retomada da legitimidade de suas presenças remeteria a novos papéis, que hoje são pouco desempenhados, mal desempenhados ou não desempenhados. Possivelmente, um aprofundamento e uma renovação de suas concepções de comunicação sindical lhes proporcionaria outras perspectivas.

Não seria o caso de se perguntar com profundidade o que os sindicatos do interior poderiam produzir de original, que realmente os diferenciasse no processo nacional de informação e lhes concedesse um papel ativo na rede? O que os sindicatos do interior poderiam produzir de original em termos de informações, se suas notícias “são reflexos das informações de São Paulo”?

Qual seria o papel das instâncias de base nesta rede de comunicação sindical bancária? Vemos que a rede não se encontra inteiramente construída, embora se encontre em estágio avançado. Há, porém, pontos de desconexão. Cada instância, mesmo integrando a cadeia, vai buscar formas de dar sentido mais particular à sua atuação. Os sindicatos do interior, da esfera microrregional, estabelecem uma compensação ao se envolverem com questões de sua realidade próxima.

Uma das particularidades dos sindicatos do interior se encontra em sua inserção na política local, discutindo e intervindo nas temáticas de interesse público como saúde, educação, meio-ambiente, transporte e segurança. São assuntos que ultrapassam os interesses específicos dos bancários. Esta postura política poderia ser considerada a sua “palavra original” para integrar a rede de comunicação. Sem a palavra original do sindicato e do associado do interior, a rede de comunicação continuará sendo vertical da cúpula para a base. A cúpula é o falante condutor e a base o ouvinte que só fala como ação reflexa.

A atuação dos sindicatos do interior nas questões locais lhes dá identidade com a sociedade à qual pertence. Esta identidade produz implicações de duas naturezas: a) contribui para alterar os conceitos de corporação da categoria bancária; b) cria



condições para que a sociedade manifeste solidariedade de maneira mais profunda e eficaz às mobilizações dos bancários por melhores salários e condições de trabalho (o que reduziria a necessidade dos sindicatos organizarem atividades “pitorescas”, através dos meios de comunicação de massa, para obterem apoio da sociedade às suas lutas).

“Viés do trabalhador”

Há consenso entre os representantes das entidades de âmbito nacional e regional que a comunicação sindical bancária não é e nem deve ser isenta, constitui-se num instrumento de disputa pelos direitos dos trabalhadores. A frase do diretor de imprensa da CNB, Francisco Ferreira Alexandre, pode ser tomada como síntese desse pensamento: “A CNB faz uma comunicação alternativa, com o viés de defesa dos trabalhadores”. Ao que ele acrescenta: “Não colocamos texto que não expresse nossa posição política”.

O diretor da CNB, assinalando que a comunicação é vital para os sindicatos porque forma a opinião, disse ainda: “É a partir da comunicação que o sindicato coloca os bancários em pé de guerra, mostrando a contradição do patrão, a intransigência nas negociações, o quanto eles estão lucrando, denunciando as políticas de governo e mostrando qual o caminho que a direção está apontando”.

Para o assessor de imprensa da CUT, Cid Marcondes, o sindicato exerce o papel de intermediário da central junto aos trabalhadores filiados, repassando e adequando o conteúdo à linguagem local. Paulo Donizete, coordenador de comunicação do Sindicato dos Bancários de São Paulo sustenta que a imprensa sindical “não deve vestir o manto falso da isenção (...) ela é explicitamente e confessadamente parcial”. O assessor dos sindicatos de Chapecó e São Miguel do Oeste, Rubens Lunge, compreende que a função da comunicação sindical “é informar tendenciosamente em favor do trabalhador”. A assessora de comunicação da CNB, Vanessa Garquez, explica que “a imprensa sindical tem uma linha de ir atrás da denúncia”.

Nestes termos, continua atualizada a discussão sobre o chamado caráter instrumental da comunicação sindical, pelo qual a função principal dos respectivos meios é fazer denúncias contra os patrões e convocar a categoria para a greve. O Sindicato dos Bancários de São Paulo entende que isto não é incompatível com uma



comunicação de qualidade que também aborde temas fora da pauta específica do sindicato. Segue a política do sindicato cidadão, que busca o leitor cidadão e procura ver mais aspectos da vida do bancário.

Mas, no conjunto, a concepção do “viés do trabalhador” contribui para sustentar a imprensa sindical que gira em torno da campanha salarial e da data-base, como admite o assessor Rubens Lunge. Por conseqüência, justifica a imprensa sindical que não realiza planejamentos de médio prazo, na medida em que trabalha por demanda, ou seja, aguardando o próximo passo da negociação e a reação dos banqueiros. Caracteriza uma imprensa apenas reativa e não propositiva. O espaço do planejamento e de proposição da imprensa sindical não está sendo satisfatoriamente discutido.

Nas manifestações que revelam concepção sobre comunicação, verificamos contradições entre os representantes das instâncias pesquisadas. O diretor da CNB, Francisco Alexandre, entende que a comunicação do jornal impresso está ultrapassada e que o apego a esta forma revela conservadorismo da esquerda. Disse ainda que o jornal impresso é muleta para o dirigente sindical, “pois, sem o panfleto, o dirigente não vai à base”. Já para o assessor, Paulo Donizete, “a imprensa no papel ainda é insubstituível” para o sindicato. Enquanto o presidente do sindicato de Chapecó, Alzumir Rossari, assim como o assessor Rubens Lunge, avaliam que o jornal impresso desempenha o papel fundamental de vínculo do associado com o sindicato e sua direção. Nos contatos diretos dos dirigentes com associados, é estimulador e facilitador do diálogo. Na base, portanto, não há o sentido pejorativo de “muleta”, mas um valor positivo de “vínculo”. Contribui para o bancário se sentir parte da categoria.

A difícil produção das sínteses

A comunicação sindical busca se posicionar na disputa da informação. Nos processos de comunicação dos sindicatos estudados percebe-se a disputa pelo sentido, ao menos a intenção de que seus significados sejam decodificados por determinados grupos sociais. Aspectos objetivos como falta de recursos financeiros e de meios de grande abrangência para tornar públicas suas mensagens são limitadores destas intenções. Fatores subjetivos, porém, tensionam no mesmo sentido, quando os sindicalistas nem sempre compreendem que comunicação seria, antes de tudo,



conversação, interatividade, vínculo social entre as pessoas. No primeiro caso, a comunicação se reduz pela pobreza material e, no segundo, assume uma forma reducionista pela pobreza conceitual.

Os meios de comunicação sindicais, mais do que unidade, preocupam-se em mostrar uma aparente unanimidade da categoria. Os conflitos não devem ser divulgados porque, se os fossem, romperiam com a lógica e o discurso da unidade que deve ser apresentado à sociedade de modo geral e aos associados de modo particular. As divergências sindicais praticamente não constam nos meios de comunicação sindicais, ficam reservadas às reuniões, aos encontros e aos congressos. A exposição pública das divergências sindicais poderia representar o enfraquecimento diante de outros segmentos sociais e, especialmente, perante os patrões.

O conceito de “comunicação instrumental”³, proposto por Luiz Momesso, não responde mais à realidade (necessidades, problemas, potenciais e desafios) da comunicação sindical. Poderíamos dizer que há um simplismo nesta classificação, porque abandona o estudo voltado a compreender as finalidades de determinada comunicação.

Avaliamos que toda a comunicação é instrumental, na medida em que busca a consecução de algum fim. A questão é saber como se definiu o objetivo dessa comunicação. Independentemente dos efeitos que vier a produzir no meio destinado, nada desfaz a intenção implícita no lugar de origem da mensagem, motivada pelo seu propósito, ou seja, sua finalidade.

A comunicação se encontra também no campo da política, ou seja, no espaço da ação, dos conflitos e das contraposições. O fato de um jornal sindical divulgar determinadas posições não inviabiliza um efetivo processo de comunicação, se este não for o único meio, nem o único momento da manifestação das posições. Haveria necessidade de se verificar o conjunto de formas e oportunidades geradas para a expressão das posições existentes. Requer uma análise do conjunto dos processos de comunicação deste ambiente. E as soluções, possivelmente, iriam solicitar um conjunto de proposições e encaminhamentos, ou seja, uma política geral de comunicação deste segmento social. Isto vai além do apenas garantir a diversidade das formas de expressar as intencionalidades.

³ Momesso chama de comunicação instrumental a comunicação que os sindicatos realizam com o objetivo de convocar ou motivar os associados a participar das mobilizações da categoria.



O problema dos posicionamentos na comunicação sindical não decorre exatamente da posição assumida, mas da pretensão de que esta posição seja totalizante. Assim, não se pode dizer que o posicionamento é ilegítimo, mas que, do ponto de vista comunicacional, é excludente. Não admite outras versões e possibilidades.

A abordagem nova solicitada da imprensa sindical não significa um desvio dos assuntos pertinentes à categoria, mas um tratamento destes assuntos de forma a estabelecer vínculo entre as questões centrais da categoria com as temáticas fundamentais da sociedade. Esta postura parece indispensável para quem critica a lógica do sistema em vigor e propõe outro modelo social. A impressão é que duas visões de comunicação convivem de forma estanque dentro da mesma imprensa sindical. Quando avança para outros temas e interesses sociais, descola de suas questões centrais, como se tais questões fossem incompatíveis, não interagíveis.

A produção de sínteses a partir do mais relevante em cada núcleo de conhecimento/ação social tem se revelado uma barreira freqüente para as organizações populares/trabalhadoras. As organizações de esquerda, entre as quais o movimento sindical, sentem dificuldade de produzir sínteses das suas diversas experiências, para transformá-las em conceitos que, novamente voltando a prática, afirmem-se como renovadores da realidade. A idéia da “unidade na diversidade”, um verdadeiro dogma no meio sindical, supõe a síntese (interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar, intradisciplinar). Se não houver síntese, que unidade seria esta?

A comunicação sindical no processo educativo

No conceito de comunicação, encontram-se implicados também fundamentos educacionais. Não teria o sentido de alguém apenas levar determinada informação, mas também de provocar no outro sua compreensão participante, em que este se sinta estimulado a participar de uma conversação, ao mesmo tempo em que se prepara para engendrar novos diálogos na sociedade. Paulo Freire relaciona com um processo de libertação:

“O educador se recusa à ‘domesticação’ dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação e não ao de extensão”. (...) Educar e educar-se na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até à ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta” (1982: 24).



Verifica-se no sistema de comunicação das sociedades pós-modernas uma contradição entre o avanço tecnológico para a circulação das informações e a esperada democracia no conjunto das mensagens expressas publicamente. Cláudia Santiago e Vito Gianotti se referem ao “mosaico da comunicação” (1997: 17), expressão que prende-se ao conjunto diversificado de recursos técnicos com que a comunicação sindical conta para se efetivar. Mas os autores não se referem ao “mosaico da política sindical”, ao qual a comunicação está diretamente vinculada. Não haveria um conjunto de pensamentos, correntes, tendências, articulações e ações que constituem o “mosaico da política sindical”? Compreender a configuração da política seria fundamental para se perceber como se estrutura a comunicação sindical.

As decisões dos bancários estão centralizadas nas instâncias superiores, levando a comunicação a assumir o mesmo perfil. O trabalho da comunicação nos sindicatos microrregionais acaba colado à intervenção geral da categoria, encaixa-se como uma peça na estrutura sindical. As políticas são da categoria, mas não exatamente resultante do processo político daquele sindicato. As matérias divulgadas são mais reflexos das políticas nacionais, do que dos fatos e fontes locais.

Nos grandes sindicatos, como no de São Paulo, há maior proximidade do trabalho de comunicação com o centro das negociações, das tratativas e das formulações políticas. O maior envolvimento leva o jornalista a conhecer mais a realidade bancária e a passar a ter influência, em alguns momentos, no resultado final dos produtos e nas políticas de comunicação do sindicato. Mas o efeito de colagem não se desfaz inteiramente, porque este espaço de influência é bastante restrito, delimitado pelo poder elevado que os dirigentes sindicais detém de definir a pauta.

Observamos que os trabalhos de comunicação se relacionam normalmente ao curto prazo e ao urgente, inadequados à comunicação que se proponha vinculada à formação/educação sindical, processo que somente pode se dar no médio e longo prazo. A formação e a educação remetem ao debate e ao lento processo de compreensão dos assuntos em questão. Isto significa ainda a abertura das posições/opiniões ao contraditório, postura que não se adequa ao imediatismo sindical nem às suas atuais condicionantes da disputa do poder interno.



Embora a comunicação seja política, um determinado grau de desvinculamento da disputa de poder, muito marcado pelo imediatismo, faria bem aos trabalhos e aos produtos de informação do sindicato, na medida em que atuariam em perspectivas mais duradouras, possivelmente mais comprometidas em proporcionar aos associados a compreensão dos assuntos sindicais.

A tentativa do sindicato dos bancários de concorrer passo-a-passo com o ritmo das empresas, em termos de informação vai obrigá-los a dispor, cada vez mais, de respostas prontas para serem expedidas. Seria dar mais urgência ao urgente. Esta imediaticidade contraria as condições para a formulação de resposta mais refletida, que se dá num ritmo mais lento. Se antes os bancários precisavam responder em meses, passaram a responder, devido ao avanço tecnológico, em semanas, depois em dias, em horas e em minutos. Há sindicalistas preocupados agora, em saber como dar respostas em segundos. Alegam que isto seria indispensável, constituiria o grande desafio, para a eficácia de sua comunicação.

Como dissemos, este aceleração encontrou um empecilho. O associado, na outra ponta, não tem mostrado interesse de entrar em contato, por iniciativa própria, com as informações do sindicato, seja pelo site ou por correio eletrônico. Há uma contradição entre a resistência que os associados apresentam em fornecer seus endereços eletrônicos ao sindicato e a grande expectativa dos dirigentes sindicais em ter acesso à intranet dos bancos. Se efetivado, haveria um acesso automático, quase obrigatório, dos associados às informações eletrônicas do sindicato. O associado continuaria a ser o receptor passivo das mensagens.

Neste sistema, a formação sindical se constitui, para usar uma linguagem das modernas tecnologias de comunicação, numa espécie de “formatação sindical”. Não configura exatamente um processo de educação devido, em grande parte, ao imediatismo das relações, sempre envolvidas na perspectiva de resultados de curto prazo. Mesmo quando a formação se refere a estudos e a conhecimentos teóricos, relacionados com a prática, encaminha-se para a doutrinação, transmissão de determinada ideologia num processo de afirmações e certezas, incompatível com a dúvida, dúvida que exerce papel ativo e importante no desencadeamento do processo educativo.



Força, coragem e determinação são valores importantes para o sindicalista, como parte de um imaginário construído que se aproxima do estereótipo. Mais do que radical, a política sindical, muitas vezes, sente necessidade de se apresentar como radical. Ter a aparência de radical é fundamental para lhe dar legitimidade. A imagem de que luta é indispensável para sua sobrevivência. Esta necessidade, aliada ao imediatismo das questões que trata (a natureza sindical está vinculada a resultado, sentido objetivo, questão prática) pode lhe encaminhar para posturas politicamente superficiais, contrárias à idéia de radicalidade de quem questiona profundamente determinado sistema social.

A prática da imprensa sindical contribui seguidamente para reforçar a política da radicalidade aparente ao, em vez de estabelecer um compromisso profundo com a categoria, assume prioritariamente compromisso com as posições que os dirigentes têm sobre a categoria.

Conclusão

A comunicação que não busca estabelece laços entre todos os integrantes de determinada rede social, abandona o caminho que lhe permitiria repensar e transformar sua própria concepção. Seria conveniente assumir-se, ou ao menos parcialmente, como um lento processo educativo, portanto politizador. Há um patamar educacional mínimo que interessa à divergência e aos divergentes.

Falta no meio sindical uma espécie de acordo sobre este papel mínimo da comunicação, em que fique estabelecido um espaço comum no qual as divergências, os questionamentos, os debates, as explanações, as defesas de posições com suas respectivas fundamentações, fossem aceitos como de interesse de todos. Seria um avanço no estágio de compreensão, de reflexão e de conhecimento, indispensável ao exercício da democracia em determinado meio social. A comunicação teria, então, um sentido básico de educação. Hoje, a comunicação está associada ao exercício do poder, instrumento que os dirigentes eleitos recebem quando assumem os seus mandatos, assim como recebem as mesas, as cadeiras e os computadores, elementos integrantes do patrimônio passivo da entidade.

A comunicação dos bancários não é um bloco uniforme, mas, de certo modo, é vista e tratada como um bloco. Percebemos assim, uma concepção principal em torno da



qual giram concepções periféricas, em cujo eixo se afirma uma comunicação de caráter tradicional. A concepção principal não viabiliza e não valoriza as interações. Distancia-se da possibilidade de uma comunicação que assuma também as características de um processo educativo. Afasta-se ainda da busca das sínteses, interessada em relacionar as questões essenciais dos assuntos mais importantes, numa perspectiva universal.

As afirmações acima podem dar a entender que o diagnóstico é simples, rápido e direto. Nada mais distante da realidade, pois a situação é complexa, na medida em que os problemas vividos pela categoria bancária não são imaginários. O enfrentamento que os sindicatos fazem com os bancos é real, o desemprego estrutural é real, assim como a precarização das condições de trabalho e a cultura individualista dos bancários que prejudica as organizações coletivas.

Os sindicatos de bancários têm, portanto, questões concretas muito importantes a tratar e a comentar publicamente. As barreiras são constituídas pela pretensão do discurso totalizante, no qual está implícita a descrença na possibilidade de que o associado venha a compreender suas questões a partir da expressão das dúvidas e da explicitação das diferenças.

Na opinião de Juan Diaz Bordenave, o potencial verdadeiro da comunicação está longe de ter ser aproveitado para o surgimento de uma nova civilização e de um homem novo. Para ele, “a comunicação não é um ato isolado, ou uma série de atos desconexos, mas um fluxo contínuo, de muitas origens e direções, com conteúdos e formas em constante mutação” (1983: 31).

O indivíduo tem necessidade de dizer a sua palavra, de ser compreendido, de partilhar socialmente sua mensagem. É o modo de identificar os outros no contexto e de identificar a si mesmo como ser social, como se isto fosse um reflexo, ou um eco, que confirma sua própria existência. Esta necessidade de comunicação assume contornos particulares quando as relações do indivíduo ocorrem dentro de organizações complexas como empresas, instituições, associações ou sindicatos. Nem sempre ele domina ou tem acesso aos canais que viabilizam os fluxos de informações no falar para dentro ou para fora da organização. Há também o caso em que sua comunicação depende de representantes, que irão portar sua voz na relação com terceiros.



A comunicação sindical dos bancários caracteriza uma situação complexa, envolvendo representantes (dirigentes), meios próprios de comunicação (jornais impressos, revistas e páginas eletrônicas) e os meios de comunicação de massa convencionais (nos momentos em que a categoria fala para toda a sociedade através de rádio, tv, jornais e revistas). O indivíduo, o profissional bancário, seria, em tese, o centro de toda a estrutura comunicacional, mas, como nossos estudos perceberam, ele tem sido figura passiva no processo. Falam por ele, falam dele, falam para ele, mas ele pouco fala por si ou nem se interessa em falar.

Referências bibliográficas

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é Comunicação Rural?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1983, 104 p.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação.** Bauru-SP: EDUSC, 1999. 178 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 3ª edição, 1998. 315 p.

COLETIVO NTC (coordenador geral Ciro Marcondes Filho). **Pensar-Pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade.** São Paulo: Edições NTC, 1996.

CRUZ, Antônio. **A janela estilhaçada: a crise do discurso do novo sindicalismo.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2000. 250 p.

FERREIRA, Maria Nazareth (org.). **O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissão de mensagens.** São Paulo: CEBELA, 1995. 164 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 150 p.

ISER, Wolfgang. Preliminares para uma teoria da estética do efeito. **O ato da leitura.** São Paulo: Editora 34, 1996. p.49-79.

MOMESSO, Luiz. **Comunicação sindical, desafios e perspectivas.** Recife-PE: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling (org.). **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis-RJ: Editora. Vozes, 1998.



RICOEUR, Paul. Mundo do texto e mundo do leitor. In: _____ . **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: SP: Papirus, 1997. p.273-305.

SANTIAGO, Cláudia; GIANOTTI, Vito. **Comunicação sindical: arte de falar para milhões**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997. 182 p.

SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 321 p.

VIEIRA, Toni André Scharlau. **Comunicação sindical: proposta de uma política para as entidades**. Canoas-RS: ULBRA, 1996. 149 p.

WEBER, Maria Helena. *Política, refém da imagem pública*. In: **Tendências na comunicação/Cursos de comunicação da PUCRS, UFRGS, ULBRA, UNISINOS**. Porto Alegre-RS: L&PM, 1999.